



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Joaquim Manuel de Macedo

Amor e Pátria



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Amor e Pátria

Joaquim Manuel de Macedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1859.

Livro Digital nº 818 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim Manuel de Macedo

(1820 – 1882)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

AMOR E PÁTRIA

DRAMA EM UM ATO



PERSONAGENS:

PLÁCIDO

PRUDÊNCIO

LUCIANO

VELASCO

AFONSINA

LEONÍDIA

Senhoras, cavalheiros, povo.

A ação se passa no dia 15 de setembro de 1822.

ATO ÚNICO

O teatro representa uma sala ornada com luxo e esmero em relação à época. Duas portas ao fundo, uma dando saída para a rua, e outra comunicando com uma sala; portas à direita; janelas à esquerda.

CENA I

Plácido, Prudêncio, Leonídia e Afonsina, que observa curiosa uma caixa que está sobre uma cadeira, e a porta da sala do fundo que se acha fechada.

PLÁCIDO

Ela já nem pode disfarçar a curiosidade que a atormenta; tem andado em volta da caixa mais de quatro vezes.

LEONÍDIA

Coitadinha! Aquilo é tão natural na sua idade...

PRUDÊNCIO

Acrescente-lhe: e no seu sexo... Nunca vi pais tão desfrutáveis!

PLÁCIDO

Agora lá vai ela direitinha olhar pelo buraco da fechadura da porta: então que disse eu?...

LEONÍDIA

Faz-me pena vê-la assim martirizando-se.

PLÁCIDO

É para que no fim ainda mais agradável e completa lhe seja a surpresa.

PRUDÊNCIO

E vocês acham muito bonito o que está fazendo minha sobrinha?...

PLÁCIDO

Então que lhe acha, senhor tenente rabugento?...

PRUDÊNCIO

Nada: apenas uma comédia em que uma sala trancada e uma caixa fechada fazem lembrar o pomo vedado, e em que Afonsina representa o papel de Eva e minha irmã e meu cunhado o da serpente tentadora ou do diabo, que é a mesma coisa.

LEONÍDIA

Este meu irmão tem lembranças felizes!

PRUDÊNCIO

Vocês hão de acabar por perder completamente aquela menina! O senhor meu cunhado com as ideias que trouxe da sua viagem à França e a senhora minha irmã com a sua cegueira de mãe extremosa, deram-lhe uma educação como se a quisessem para doutora de borla e capelo: fizeram-na aprender tudo quanto ela podia ignorar, e a deixaram em jejum a respeito do que devia saber. Assim, minha sobrinha dança melhor do que as bailarinas do teatro de São João; toca o seu cravo a ponto de admirar ao padre José Maurício: canta e gorjeia que parece um dos italianos da capela real;

conversa com os homens como se eles fossem mulheres; é capaz de discutir sobre teologia com Frei Sampaio, e sobre arte militar com o general Corado; mais se lhe perguntarem como se toma ponto a uma das meias, como se prepara um bom jantar, como se governa uma casa, espicha-se completamente: eu até aposto que ela não sabe rezar.

LEONÍDIA

Afonsina é um tesouro de talentos e de virtudes, e você na passa de uma má língua.

PRUDÊNCIO

Oh! Pois não! Nem os sete sábios da Grécia lhe dão volta! Ela faz versos como o defunto padre Caldas; fala em política e é tão eloquente como o Antônio Carlos; é tão revolucionária como o Barata... Não sei por que ainda não quis se deputado às cortes!... Havemos de lá chegar: creio, porém, que já escreve seus artigos para o Reverbero, e que para isso está de inteligência com o Ledo e o padre Januário: até bem pode ser que vocês já a tenham feito pedreira livre, e que a menina fale com o diabo à meia-noite.

AFONSINA (*vem à frente*)

Minha mãe...

LEONÍDIA

Que tens, Afonsina? Pareces-me triste...

PLÁCIDO

É verdade, minha filha: que quer dizer esse ar melancólico no dia dos teus anos, e quando te preparamos uma bela festa?...

AFONSINA

É que... eu... meu pai, eu não posso mais...

PRUDÊNCIO

Talis arbor, talis fructus! De um casal sem juízo na podia nascer senão uma doidinha.

LEONÍDIA

Mas que te falta, dize?

AFONSINA

Ah! Minha mãe, aquela sala e esta caixa atormentam-me, exasperam-me...

PRUDÊNCIO

Andem depressa... andem... satisfaçam a curiosidade da menina, antes que ela arranje algum faniquito.

PLÁCIDO

E que tens que ver com aquela sala e com essa caixa?...

AFONSINA

É uma curiosidade bem natural: esta caixa, que está fechada, talvez contenha algum objeto interessante, e aquela porta, que e sempre esteve aberta e que hoje amanheceu trancada, encerra necessariamente algum mistério, e portanto...

PRUDÊNCIO

Vamos à consequência, que há se ser sublime!...

AFONSINA

A consequência, meu tio?... Ei-la, aí vai:

Deixar de ser curiosa

Por certo não está em mim:

pecado feminino,

Por força hei de ser assim.

O que em todas se perdoa,

Também se desculpe em mim:

Mamãe sabe que as mulheres

São todas, todas assim.

Mamãe, aquela caixa,
Papai, aquela sala,
Encerram um segredo
Que o meu sossego abala.

(Juntamente)

AFONSINA

Saber desejo
O qu'ali'stá;
Eu sou teimosa,
Sou curiosa
Sou caprichosa,
Sou artilosa,
Serei vaidosa;
Mas não sou má.

PLÁCIDO e LEONÍDIA

Ninguém lhe diga
O qu'ali'stá;
Será teimosa
E curiosa,
E caprichosa,
E artilosa;
Será vaidosa:
Mas não és má.

PRUDÊNCIO

Ninguém lhe diga
O qu'ali'stá;
Tu és teimosa
E curiosa,
E caprichosa,
E artilosa,
Muito vaidosa,
E também má.

Não foras tu mulher, minha rica sobrinha!

AFONSINA

Meu tio, não é muito que eu tenha um defeito que é comum nas mulheres, quando falta à vossa mercê uma das primeiras virtudes dos homens.

PLÁCIDO

Afonsina!

PRUDÊNCIO

Deixem falar a retórica; diga lá, minha senhora: qual é então essa virtude que me falta?

AFONSINA

É a coragem, meu tio.

PRUDÊNCIO

Ora, fico-lhe muito obrigado! Sou um grandíssimo poltrão, porque não entro em revoluções nem em bernardas, e guardo a minha espada de tenente de ordenanças para as grandes crises e os momentos supremos?

AFONSINA

Então é bem para recluir que a sua espada fique eternamente na bainha.

PRUDÊNCIO

Pode fazer o favor de dizer por quê?

AFONSINA

É bem simples: é porque vossa mercê nem considera momento supremo aquele em que se trata da regeneração e da independência da pátria.

PRUDÊNCIO

E eu creio que era mais próprio da senhora ocupar-se com bilros e agulhas, do que com independências e regenerações políticas: uma mulher metida em negócios do Estado, é capaz de transformar a nação em casa de Orates.

AFONSINA

Porém, meu tio, olhe que nem por isso o momento deixa de ser supremo, e é preciso que nos dê provas do seu valor.

PRUDÊNCIO

Provavelmente quer que eu deite a correr pelas ruas, dando vivas ao que não entendo e morras a quem nunca me fez mal, e que me exponha a ter a sorte do Tiradentes, como está fazendo o seu querido Luciano, que é um doido de pedras.

LEONÍDIA

Mano Prudêncio, atenda ao que diz!

PLÁCIDO

Luciano cumpre o seu dever: a causa que adotou é a de sua pátria, e se morrer por ela será um mártir, um herói; nunca, porém, um louco.

PRUDÊNCIO

Pode-se bem servir à pátria sem fazer traquinadas.

AFONSINA

É verdade; meu tio tem razão: Luciano é um louco, e ele um homem de muito juízo, de uma bravura e de um patriotismo como nunca vi!

PRUDÊNCIO

A senhora parece que quer divertir-se comigo?

AFONSINA

Eu quero somente recordar agora alguns fatos. A nove de janeiro deste ano, o senado da câmara foi, em nome do povo, representar ao príncipe contra a sua retirada do Brasil; não houve um só patriota

que não corresse ao largo do Paço; meu tio, o momento era supremo e quando se ouviu repetir o glorioso – Fico – do Príncipe, o primeiro que o saudou com um viva entusiástico foi Luciano, e entre aqueles que responderam a esse brado patriótico, ouvi dizer que não se achava meu tio.

PRUDÊNCIO

Estava retido em casa com um ataque de maleitas.

PLÁCIDO (*a Leonídia*)

Afonsina esqueceu-se da sala e da caixa.

LEONÍDIA (*a Plácido*)

Pois se foram ofender o seu Luciano!

AFONSINA

Dois dias depois, a onze de janeiro, Avilez e as tropas lusitanas ocuparam o morro do Castelo; a luta parecia dever começar; os brasileiros correram para o campo de Santana e Luciano foi o chefe de uma companhia de voluntários. Meu tio, o momento era outra vez supremo, e ouvi dizer que vossa mercê não apareceu durante três dias.

PRUDÊNCIO

Estava de erisipela, senão veriam!

PLÁCIDO (*a Leonídia*)

Olha a cara com que está o mano Prudêncio.

LEONÍDIA (*a Plácido*)

Bem feito: é para não ser bazófia.

AFONSINA

Mas Avilez retirou-se com os seus para a Praia Grande; o perigo não tinha ainda passado, e no campo do Barreto reuniram-se as milícias brasileiras e as falanges dos patriotas: Luciano, à frente dos seus bravos companheiros, lá se achou pronto para o combate e fiel à

causa da pátria. Ah! Meu tio, o momento era de novo ou continuava a ser supremo, e eu ouvi dizer que não houve quem pudesse descobrir onde vossa mercê se escondia.

PRUDÊNCIO

Achava-me atacado de reumatismo nas pernas.

AFONSINA

Ah! É que vossa mercê é um compêndio de todas as moléstias, e eu tenho reparado que sempre adocece a propósito!

PRUDÊNCIO

Eu sou o que diz o meu nome: Prudêncio! O homem da prudência; não hei de nunca desonrar a minha espada de tenente de ordenanças em bernardas de pouco mais ou menos; chegue, porém, o dia de uma grande e verdadeira batalha, em que haja cargas de cavalaria, descargas de infantaria, trovoada de artilharia, e verão como brilho no meu elemento!

AFONSINA

Com vossa mercê na batalha há de haver por força uma carnagem horrorosa!

PLÁCIDO, LEONÍDIA e AFONSINA (*juntamente*)

Se os tambores rufassem deveras,
À peleja os guerreiros chamando,
O tenente Prudêncio, chorando,
Fugiria medroso e poltrão.

PRUDÊNCIO

Não! não! não!

Se os tambores rufassem deveras,
peleja os guerreiros chamando,
Meu ginete veloz cavalgando,
Eu voara com a espada na mão.

Façam de conta
Que negra afronta
Sem mais tardar
Corro a vingar.
A uns degolo,
Outros esfolo,
Outros imolo,
Sem trepidar.
Zás! Cutilada!
Zás! Estocada!
Zás! Pistolada!
Sem descansar:
E derribando,
E cutilando,
E decepando
Sem respirar,
Só me detenho
No fero empenho,
Quando não tenho
Mais quem matar.

(Ouve-se o rufar de tambores. Assusta-se)
Misericórdia! Que é isto?

PLÁCIDO, LEONÍDIA e AFONSINA
Avante! Avante! Prossiga!
Chama o tambor os guerreiros!

PRUDÊNCIO
Estou com dor de barriga.

LEONÍDIA
Que tremor é esse, mano Prudêncio? dir-se-ia que tem medo!

PRUDÊNCIO
Não é medo, não; mas vocês sabem que eu sou muito nervoso, e assim... um rufar de repente...

AFONSINA (*que tem ido à janela*)

Sossegue, meu tio: é apenas a guarda do paço que se vai render.

PRUDÊNCIO

E quem foi que se assustou aqui?

O rufo dos tambores

Exalta o meu valor

Com a durindana em punho,

Nas asas do furor,

Eu levo aos inimigos

A morte e o terror.

PLÁCIDO, LEONÍDIA e AFONSINA (*juntamente*)

O rufo dos tambores

Abate o seu valor;

Não sabe mais da espada,

Tem medo e não furor,

E em dores de barriga

Disfarça o seu terror.

AFONSINA

Realmente, meu tio, vossa mercê vale os doze Pares de França juntos!

PRUDÊNCIO

Eu sou assim; sou o homem das grandes ocasiões!

CENA II

Os precedentes e Luciano.

LUCIANO

Mas o pior é, tio Prudêncio, que as suas grandes ocasiões não chegam nunca.

PRUDÊNCIO

Ora, eis aí o senhor espalha-brasas conosco! Faça coro ali com a senhora, e venha também divertir-se comigo.

LUCIANO

Nada de amofinar-se; o dia de hoje é de festa, e portanto não se enfade.

PLÁCIDO

Entretanto, vejo-te de chapéu na mão, e disposto a roubar a Afonsina algumas horas de um dia, que deveria ser todo consagrado a ela.

LUCIANO

Meu pai, eu conto com o perdão de Afonsina e com o seu, asseverando que somente motivos da mais grave importância me obrigam a sair por uma hora.

PRUDÊNCIO

Oh! Pois não! O senhor anda sempre ocupado com assuntos da mais elevada transcendência; não há bernarda em que não entre, nem revolucionário a quem não conheça; agora então vive sempre pelas grimpas; frequenta a casa do advogado Rocha, já é maçom, e ainda ontem foi duas vezes à casa do ministro José Bonifácio.

PLÁCIDO

Muito bem, Luciano! Muito bem! Estas amizades fazem a tua glória: vai, meu filho, e continua a proceder como até aqui.

(Tocam cornetas)

PRUDÊNCIO

Pior vai ela! Que diabo de tempo em que a cada instante se ouvem os ecos das cornetas e o rufar dos tambores!

LUCIANO

Creio que hoje deve ter lugar algum acontecimento importante; o nosso magnânimo Príncipe está a chegar de S. Paulo; mas... tio Prudêncio, por que não vai saber que novidades há?

PRUDÊNCIO

Pensa que tenho medo?... pois vou imediatamente. (*À parte*) Hei de pôr a cabeça na rua; mas, pelo sim, pelo não, deixarei o corpo no corredor. (*Vai-se*)

LUCIANO

Meu pai, procurei um meio de afastar o tio Prudêncio, porque antes de sair preciso dizer-lhe duas palavras em particular.

LEONÍDIA

Visto isso, também devemos retirar-nos?

LUCIANO

Por um instante só, minha mãe.

LEONÍDIA (*a Plácido*)

Acho Luciano hoje mais sério do que costuma mostrar-se.

LUCIANO (*a Afonsina*)

Afonsina, eu voltarei nas asas do amor.

AFONSINA (*a Luciano*)

Nunca sem tardar muito para a minha saudade.

LEONÍDIA

Vem, Afonsina. (*Vai-se*)

AFONSINA (*à parte*)

E ainda não sei o que contém a caixa nem a sala. (*Vai-se*)

CENA III

Plácido e Luciano.

PLÁCIDO

Estamos sós, Luciano, e eu confesso que estou ansioso por saber que espécie de confiança me queres fazer.

LUCIANO

Meu pai, é força que eu lhe dirija uma pergunta, que aliás considero desnecessária. Oh! Por Deus o juro: não duvido, nem duvidei jamais da única resposta que vossa mercê vai dar-me; mas... julgou-se... é essencial que eu a ouça da sua boca.

PLÁCIDO

Excitas a minha curiosidade e comesas a desassossegar-me: Fala.

LUCIANO

Algum dia... vossa mercê se pronunciou contra o Príncipe e contra a causa do Brasil?... Mandou alguma vez socorros ou comunicações a Avilez quando ele esteve na Praia Grande, ou o aconselhou a resistir às ordens do Príncipe?

PLÁCIDO

Luciano! És tu que me devias fazer uma tal pergunta?

LUCIANO

Não... não... eu bem o sei, eu o conheço, meu pai sinto que o ofendo: mas acredite que era indispensável que eu lhe fizesse esta pergunta, como é indispensável que eu ouça um – não – pronunciado pela sua boca.

PLÁCIDO

É possível!

LUCIANO

Oh! Responda-me por compaixão!

PLÁCIDO

Pois bem: pela minha honra, pela honra de minha mulher, pela pureza de minha filha, eu te afirmo que não.

LUCIANO

Obrigado, meu pai! Mil vezes obrigado! Nestas épocas violentas, nestes dias de crise, há às vezes quem duvide da consciência mais pura e da probidade mais ilibada; oh! mas a pátria de seus filhos é também a sua pátria e... oh meu Deus! Que imensa felicidade me inunda o coração! (*Abraça Plácido*)

PLÁCIDO

Sim! Eu amo o Brasil, como o mais patriota dos seus filhos!

LUCIANO

Tocamos a hora suprema, meu pai! O Príncipe chegará de São Paulo talvez hoje mesmo; a última carta vai ser jogada, e o Brasil será contado entre as nações do mundo. Oh! sinto abrasar-me a chama do patriotismo! O Grito de liberdade e da independência soa já em meus ouvidos e em meu coração! Meu pai, um dia de glória vai brilhar para a minha pátria, e se combate houver, e se nele sucumbir teu filho, não o lamentes, porque morrerei a morte dos bravos, defendendo a mais santa das causas e mais bela das pátrias!

PLÁCIDO

Sim! Avante! Avante! avante!

(*Abraçam-se; soam trombetas*)

Soam de novo as trombetas... Que será?

LUCIANO

A trombeta belicosa

Chama os bravos à peleja!

Infame, maldito seja

Quem recusa combater.

Da liberdade da pátria

A causa é sagrada e bela;

honra vencer com ela,

Honra por ela morrer.

Quebrar da pátria o jugo
dos heróis a glória:
Às armas, brasileiros;
A morte ou a vitória!

CENA IV

PLÁCIDO (*só*)

Como é sublime o grito do patriotismo! Mas esta pergunta que Luciano acaba de fazer-me envolve talvez algum sinistro mistério!... embora! tenho a minha consciência tranquila; para longe as ideias tristes: o aniversário natalício da minha Afonsina seja todo de alegria e de ventura... e é já tempo de revelar o segredo da caixa e da sala: Leonídia! Afonsina! Então que é isso?... querem ficar lá dentro dia inteiro?

CENA V

Plácido, Leonídia e Afonsina.

LEONÍDIA

Plácido, Afonsina ainda não me deixou sossegar um instante, e quer por força que eu lhe revele o nosso segredo.

PLÁCIDO

Tens então muita vontade de saber o que encerra esta caixa e que se acha naquela sala?

AFONSINA

Oh! muita, meu pai... e também para martírio já é bastante.

PLÁCIDO

Pois bem: eis aqui a chave da sala; abre a porta e olha. (*Dá a chave, Afonsina vai ver*) Que vêes?...

AFONSINA

Um altar!... para que se armou aqui um altar?

PLÁCIDO (*o mesmo*)

Abre agora a caixa; aqui tens a chave.

AFONSINA

Ah!

LEONÍDIA

Que encontraste na caixa, Afonsina!...

AFONSINA

Um vestido... um véu... e uma coroa de noiva...

LEONÍDIA

E não sabes a quem devem pertencer?...

AFONSINA

Minha mãe... eu não sei...

PLÁCIDO

Afonsina, minha Afonsina: não te lembras que ao receber cheio de júbilo o pedido de tua mão, que nos fez Luciano, eu exigi que o dia do casamento fosse marcado por mim?... Pois esse dia feliz é hoje, hoje, que também é o dia dos teus anos e que será o mais belo da minha vida!

AFONSINA

Meu pai!... minha mãe!...

LEONÍDIA

Estás contente, Afonsina?... Oh! mas tua alegria não excede a que enche o coração de tua mãe!...

PRUDÊNCIO (*dentro*)

Então já está descoberto o segredo?... Pode-se cumprimentar a noiva com todos os *ff* e *rr* do estilo?

PLÁCIDO

Sim... sim... Afonsina já abriu a caixa e a sala.

PRUDÊNCIO

Em tal caso, avanço com o meu batalhão... avante, camaradas!

CENA VI

Os precedentes, Prudêncio, cavalheiros e senhoras.

CORO

Salve o ditoso

Dia propício

De natalício

E de himeneu

Salve, mil vezes,

Noiva adorada,

Abençoada

Por Deus no céu.

(Plácido cumprimenta; as senhoras cercam Afonsina, etc.)

PLÁCIDO

Obrigado, meus senhores, obrigado!

PRUDÊNCIO

Muito bem! Excelentemente; e agora queira Deus que o encanto do casamento, que põe a cabeça à roda a todas as moças, queira pelo contrário dar à minha sobrinha a única coisa que lhe falta, isto é, o juízo no seu lugar.

LEONÍDIA

Mano Prudêncio, você esquece o respeito que deve à princesa da festa.

PRUDÊNCIO

Pois se eu tenho a cabeça completamente aturdida com os tambores que rufam lá fora, e com os parabéns e alegrias que fervem cá dentro! não sei como hei de haver! Na praça a guerra, que é o meu elemento, e em casa um casamento que e faz encher a boca d'água. Olhe: até me havia esquecido de lhe entregar uma carta, que há pouco veio trazer um criado da nossa prima, a mulher do intendente da polícia.

LEONÍDIA

Uma carta do intendente?... Que novidade haverá?

PLÁCIDO

Aposto que adivinhou o casamento de Afonsina...

LEONÍDIA (*lendo*)

Meu Deus!...

PLÁCIDO

Leonídia muda de cor e treme!... Que será?

PRUDÊNCIO

A cartinha, pelo jeito, parece mais um convite de enterro, do que carta de parabéns: quem sabe se não é notícia de alguma bernarda?... Ora, que não se pode ter sossego neste tempo de revoluções!... tomara que eu levasse o diabo a todo o patriota que não é como eu amigo do cômodo.

PLÁCIDO

Recebeste, por certo, uma notícia desagradável...

AFONSINA

Minha mãe, que há?

LEONÍDIA

Que há de ser?... Minha prima se mostra ressentida, porque não a prevenimos do teu casamento; queixa-se de mim, e declara-se enfadada; mas vou já obrigá-la a fazer as pazes comigo; voltarei dentro em pouco; no entanto, minhas senhoras...

PRUDÊNCIO

As honras da casa ficam por minha conta: minhas senhoras, aquela porta dá caminho para o jardim; aquela, meus senhores, abre-se para uma sala de jogo: às senhoras as flores, aos homens as cartas! Vamos...

(Repetem o canto e vão-se)

CENA VII

Plácido e Leonídia.

PLÁCIDO

Houve há pouco uma pessoa, a quem não conseguiste enganar, Leonídia.

LEONÍDIA

Nem tive esse pensamento, meu amigo; lê esta carta; mas lembra-te de que hoje é o dia do casamento de nossa filha: tem coragem e prudência.

PLÁCIDO *(lendo)*

“Cumpro um dever de amizade e prevenindo-te de que teu marido foi denunciado como inimigo do Príncipe e da causa do Brasil; o governo toma medidas a esse respeito; o denunciante, cujo nome não te posso confiar, é um moço ingrato e perverso, que deve tudo a teu marido, que o acolheu em seu seio e tem sido o seu constante protetor. Vês bem que este aviso, que te dou, pode, se chegar ao conhecimento do governo, comprometer ao intendente. Fala-se na deportação do senhor Plácido; mas há quem trabalhe em seu favor. Adeus.” Infâmia!

LEONÍDIA

Silêncio...

PLÁCIDO

Mas é uma horrível calúnia que me levanta!

LEONÍDIA

Sê prudente, meu amigo; convém que não transpire este segredo; eu vou imediatamente falar à minha prima, e conto desfazer toda esta intriga. Deus há de ser por nós... Promete-me ficar sossegado...

PLÁCIDO

Sim... sim... vai... e sobretudo, e antes de tudo, traze-me o nome do infame caluniador.

LEONÍDIA

Hei de trazer-te a alegria, mas não me lembrarei da vingança. (*Vai-se*)

CENA VIII

Plácido e logo Velasco.

PLÁCIDO

Que abominável trama! Quem será o infame denunciante? (*Lendo*)
“...Um ingrato que me deve tudo...” Meu deus! Diz-me a consciência que tenho estendido a mão e socorrido a muitos infelizes... Qual seria então dentre esses o que assim me calunia, e me faz passar pó inimigo de um Príncipe heroico e do país abençoado, que me deu felicidade e riqueza! Por inimigo da causa do Brasil, do Brasil, que é a pátria querida de minha mulher e de minha filha!... e é, em tal circunstância, que nem Luciano me aparece? Oh! nem tenho um amigo a meu lado!

VELASCO

É porque não quer voltar os olhos, senhor Plácido.

PLÁCIDO

Velasco... senhor Velasco...

VELASCO

Velasco, dizia bem; pode tratar-me como um filho, pois que tem sido meu pai.

PLÁCIDO

Obrigado.

VELASCO

Chamava um amigo seguro: eis-me aqui.

PLÁCIDO

Mas...

VELASCO

Senhor, não procuro arrebatá-lhe um segredo; sei que um negro pesar atormenta o seu coração, e que um desejo ardente se agita no seu espírito.

PLÁCIDO

Como?... que quer dizer?

VELASCO

O pesar nasceu de uma denúncia caluniosa e malvada: o desejo é de saber o nome do miserável denunciante.

PLÁCIDO

É isso, é isso mesmo: quero saber esse nome... diga e...

VELASCO

Vou dizê-lo, senhor; antes, porém, é força que eu traga à sua memória os benefícios que lhe devo.

PLÁCIDO

Perderá assim um tempo muito precioso: diga-me o nome do meu denunciante.

VELASCO

Ouçã primeiro, senhor: cheguei, há três anos, da ilha do Faial, minha pátria, e desembarcando nas parias do Rio de Janeiro, achei-me só, sem pão, sem protetor, sem amparo; mas o senhor Plácido condeu-se de mim, recebeu-me em sua casa, fez-me seu caixeiro, deu-me a sua mesa, deu-me o teto que me abrigou, e enfim abriu-me o caminho da fortuna: já estabelecido há um ano, chegarei um dia a ser talvez um rico negociante, graças unicamente ao seu patrocínio. A meus pais devi acidentalmente a vida; ao senhor Plácido devo tudo, tudo absolutamente, e portanto, é vossa mercê para mim ainda mais do que são meus pais.

PLÁCIDO

Senhor, antes dos pais, Deus, e a pátria somente; mas a que vem essa história?...

VELASCO

Repeti-a para perguntar-lhe agora se um homem que lhe deve tanto poderia procurar enganá-lo?

PLÁCIDO

Senhor Velasco, nunca duvidei da sua honra, nem da sua palavra.

VELASCO

E se eu, pronunciando agora o nome do seu denunciante, quebrar uma das fibras mais delicadas do seu coração? Se...

PLÁCIDO

Embora... eu devo, eu quero saber esse nome...

VELASCO

Pois bem: o seu denunciante... foi...

PLÁCIDO

Acabe...

VELASCO

O senhor Luciano.

PLÁCIDO

Mente!

VELASCO

Senhor Plácido!...

PLÁCIDO

Perdoe-me... fui precipitado; mas Luciano... não... não é possível!

VELASCO

E no entanto foi ele!

PLÁCIDO

Está enganado: Luciano é a honra...

VELASCO

Tenho um patrício empregado na polícia, e dele recebi esta confidência: vi a denúncia escrita pela letra do senhor Luciano.

PLÁCIDO

Meu Deus! É incrível! (*Reflete*) Não... Luciano não pode ser; o noivo de minha filha... o meu filho adotivo... o meu... não, não: é falso.

VELASCO

Cumpri o meu dever; o mais não é da minha conta; rogo-lhe somente que não comprometa o meu amigo, que perderia o seu emprego se se descobrisse que...

PLÁCIDO

Pode sossegar... não o comprometerei; mas Luciano!... com que fim cometeria ele uma ação tão indigna?

VELASCO

Senhor Plácido, a sua pergunta não é difícil de ser satisfeita: o senhor Luciano há dois dias que não deixa a casa do ministro José Bonifácio: uma deportação pronta e imediata precipitaria o casamento desde tanto por ele suspirado, e ao mesmo tempo deixaria em suas mãos a riqueza imensa do deportado, ficando o segredo da traição oculto nas sombras da polícia.

PLÁCIDO

Quem poderia acreditá-lo!... Mas... realmente todas as presunções o condenam: há pouco ele tremeu e confundiu-se, ouvindo Prudêncio dizer que o tinha visto ontem entrar duas vezes na casa do ministro: a carta da mulher do intendente diz que o denunciante é um ingrato, que tudo me deve, que eu acolhi em meu seio, é de quem tenho sido o constante protetor... Oh! miséria da humanidade!... oh! infâmia sem igual! Foi ele! O caluniador, o infame; o denunciante foi Luciano!

VELASCO

Ainda bem que a verdade brilha a seus olhos; mas... não se exaspere: a inocência triunfará e o crime deve ser condenado ao desprezo.

PLÁCIDO

Ao desprezo? Não: o seu castigo há de ser exemplar: juro, que um ingrato não será o esposo de minha filha; o demônio não se há de unir a um anjo de virtudes: oh! o céu me inspira ao mesmo tempo o castigo do crime e o prêmio do mérito. Senhor Velasco, há dois meses pedi-me o senhor a mão de minha filha, e eu lha recusei, dizendo que Afonsina estava prometida em casamento a Luciano; pois bem, o motivo da recusa desapareceu: minha filha será sua esposa.

VELASCO

Senhor...

PLÁCIDO

Recusa a mão de minha filha?...

VELASCO

Oh! não, mas a senhora Dona Afonsina ama ao senhor Luciano.

PLÁCIDO

Aborrecê-lo-á dentro em pouco: minha filha ama somente a virtude, e um ingrato há de inspira-lhe horror.

VELASCO

Mas eu nem mesmo assim serei amado: e em tal caso...

PLÁCIDO

Respondo pelo coração de Afonsina; não pretendo coagi-lo...

VELASCO

Senhor, é a felicidade que me está oferecendo; abre-me as portas do céu: e pensa que eu hesitarei em beijar-lhe a mão, recebendo de sua boca o nome de filho?

PLÁCIDO

Ainda bem! Oh! Luciano! Luciano! Mal sabes o que te espera!... Senhor Velasco, vá reunir-se aos nossos amigos, e... silêncio. (*Vai para dentro*)

VELASCO

Acabo de lançar-me em um caminho perigoso; embora: quem não arrisca, não ganha. Se eu perder no jogo, terei pelo menos feito beber fel e vinagre a esse revolucionário que detesto, a esta família estúpida que não me aprecia bastante, e ao senhor Plácido, que, sendo meu patrício, me havia posto de lado para casar a filha e dar a sua riqueza a um brasileiro!... Ânimo! O dia é para mim de jogo forte. Vou jogar. (*Entra*)

CENA IX

Afonsina e logo Luciano.

AFONSINA

Como sou feliz! O horizonte da minha vida é um quadro de flores: amo, sou amada; meus pais abençoam o meu amor e meus votos; meus juramento de envolta com os de Luciano vão ser levados ao céu nas asas dos anjos! Oh! Meu Deus! Meu Deus! O coração é muito pequeno para tão grande felicidade.

LUCIANO

Afonsina! Minha Afonsina!

AFONSINA

Luciano... já sabes...

LUCIANO

Encontrei na casa do intendente nossa mãe, que tudo me disso, e vejo a coroa e o véu de noiva em tua cabeça patenteando a minha glória: oh! de joelhos! de joelhos! Agradeçamos a Deus tanta ventura!

AFONSINA

Sim... sim... é impossível mais felicidade do que a nossa.

LUCIANO

E ainda é maior do que pensas; errarei muito se não é verdade que saudaremos hoje a um só tempo o triunfo sincero do amor e o triunfo heroico da pátria: Afonsina, os cantos de amor vão misturar-se com os hinos da liberdade...

AFONSINA

Como?

LUCIANO

Creio que um acontecimento grandioso teve lugar. O ministro José Bonifácio acaba de receber despachos e notícias do Príncipe; oh! o meu coração transborda de entusiasmo, e eu espero saudar hoje a pátria da minha Afonsina, como nação livre e independente.

AFONSINA

Oh! praza ao céu que a glória da pátria venha refletir seus raios brilhantes sobre a pira do nosso himeneu.

LUCIANO

E a pátria será tua única rival; a amada única que terei além de ti!

AFONSINA

Mas a essa minha rival eu amo, eu adoro também! Nem eu te quisera para meu esposo se não a amasses tanto! A essa minha rival... Oh! meu Luciano, amo-a! adoro-a tanto, como a mim! Ainda mais do que a mim!...

LUCIANO

Afonsina!

AFONSINA (*correndo a abraçar-se*)

Luciano!

CENA X

Os precedentes, e Plácido aparecendo.

PLÁCIDO

Separai-vos!...

AFONSINA

Meu pai!...

LUCIANO

Senhor!...

PLÁCIDO

Separai-vos, disse: Afonsina, o teu casamento só mais tarde terá lugar, e outro será teu esposo, porque este senhor é... um... infame...

LUCIANO

Infame! Infame!... oh! meu Deus! Eu mataria outro qualquer homem que ousasse dizê-lo!

AFONSINA

Luciano!... é meu pai!

LUCIANO

Estás vendo que o não esqueci.

PLÁCIDO

Nada mais há de comum entre nós: o senhor sabe que praticou uma infâmia, e tanto basta. Seja feliz... suba... conquiste posição... honras... fortuna; pressinto que terá um futuro imenso... é hábil... conseguirá tudo, menos ser esposo de minha filha.

AFONSINA

Meu pai, caluniaram a Luciano.

PLÁCIDO

Não; foi ele que se desonrou.

AFONSINA

É calúnia, meu pai!

LUCIANO

Obrigado, Afonsina; juro-te pela nossa pátria, que me faze justiça. (*A Plácido*) Senhor, ninguém no mundo, e nem vossa mercê, é mais honrado do que eu.

PLÁCIDO

Acabemos com isto. (*Falando para dentro*) Venham todos, entrem, senhores!

AFONSINA

Oh! meu Deus!... Luciano...

LUCIANO

Sossega.

CENA XI

Os precedentes, Prudêncio, Velasco, senhoras, cavalheiros.

PRUDÊNCIO

São horas do casamento?...

PLÁCIDO

Justiça seja feita!

PRUDÊNCIO

Justiça! Tenho muito medo desta senhora, porque padece da vista, e às vezes dá pancada de cego.

PLÁCIDO

Senhores, tenho de cumprir um ato de solene justiça; ouçam-me.

AFONSINA

Eu tremo!...

PLÁCIDO

Sejam todos testemunhas do que vou dizer, e do que se vai passar. Senhores, acabo de romper o casamento que devia celebrar-se hoje. O senhor Luciano é indigno da mão de minha filha.

PRUDÊNCIO

Então como diabo foi isso?

PLÁCIDO

Esse mancebo, a quem sempre servi de pai desvelado, traiçou-me, feriu-me com a mais perversa calúnia. Esperando, sem dúvida, ficar de posse dos meus bens e riqueza, denunciou-me ao governo como inimigo do Príncipe e da causa do Brasil, e pediu a minha imediata deportação.

AFONSINA

Luciano? é impossível, meu pai!...

PRUDÊNCIO

Já não há impossíveis no mundo, minha senhora: e ia esta pombinha sem fel cair nas garras daquele revolucionário!

VELASCO (*à parte*)

Chegamos ao fim do jogo: tenho esperanças de ganhá-lo; mas confesso que estou com receio da última cartada.

PLÁCIDO

A perfídia do ingrato foi a tempo descoberta: espero em Deus não ser deportado; e ainda bem que posso salvar minha filha!

PRUDÊNCIO

Apoiado! Nada de contemplações...

PLÁCIDO

E agora, senhores, revelarei a todos um segredo de família, que eu hoje tinha de confiar somente ao senhor Luciano. Sabem os meus amigos que eu tive um irmão querido, meu sócio nos prazeres e nas aflições da vida, e também meu sócio no comércio; a morte roubou-me esse irmão, cuja fortuna herdei, como seu único parente. Pois bem, esse irmão muito amado, ferido de súbito pelo mal que o devia levar em poucos instantes à sepultura, reconhecendo o seu estado, e vendo que se aproximava do transe derradeiro, chamou-me para junto de seu leito e disse-me: “Plácido, sabes que tenho um filho, penhor de um amor infeliz e ilegítimo; ignorem todos este segredo, e tu recolhe meu filho, educa-o, zela a fortuna que deixo e que deve pertencer-lhe; e se ele se mostrar digno de nós, se for um homem honrado, entrega-lhe a sua herança.” Concluindo estas palavras, meu irmão expirou. Senhores, o filho de meu irmão é o senhor Luciano!

LUCIANO

Grande Deus!...

AFONSINA

É me primo!

PRUDÊNCIO

Esta é de deixar um homem de boca aberta um dia inteiro!

VELASCO (*à parte*)

Complica-se o enredo... e... palavra de honra, creio que isto acaba mal.

PLÁCIDO

Senhor Luciano, creio que cumpri à risca o meu dever; zelei os seus bens, a sua fortuna, amei-o e eduquei-o como... um filho. Hoje que sou vítima de sua ingratidão, podia guardar para mim a herança que lhe pertence, pois que nenhum documento lha assegura, e todos ignoravam o que acabo de referir: quero, porém, dar-lhe um último e inútil exemplo de probidade. (*Dando papéis*) Eis aqui as minhas contas: pode mandar receber a sua herança; o senhor possui quinhentos mil cruzados.

PRUDÊNCIO

Este meu cunhado é doido!

AFONSINA

Como procederá agora Luciano?...

PLÁCIDO

Eis as minhas contas, repito; examine-as e dê-me as suas ordens. Uma última palavra: compreenda que faço um sacrifício falando-lhe ainda, e que estou ansioso por concluir depressa. Senhor, sei que se ufana do nome de patriota; é um belo nome, sem dúvida, e que exprime uma ideia grandiosa; mas não basta ser valente para ser patriota, como ser bravo não é ser honrado. O patriota é aquele que além de estar pronto a dar a vida pela causa do seu país, sabe também honrá-lo com a prática de virtudes, e com o exemplo da honestidade; o patriota prova que o é no campo de batalha, nos

comícios públicos, no serviço regular do estado e nos seio da família; em uma palavra, quem não é homem probó, não pode ser patriota. Eis o que pretendia dizer-lhe; agora separemo-nos para sempre: aqui tem as minhas contas, e dê-me as suas ordens.

(Luciano fica imóvel)

AFONSINA

Oh! ele não aceita!

PLÁCIDO

Receba-as, senhor, e deixei-nos em paz.

(Luciano recebe os papéis)

AFONSINA

E aceitou... meu Deus!

VELASCO *(à parte)*

Quinhentos mil cruzados de menos no bolo!

LUCIANO

Vou retirar-me; antes, porém, de o fazer, também direi uma única... e derradeira palavra. Fui condenado sem ser ouvido: transformou-se contra mim a calúnia em verdade, e puniram-me com o insulto e com a humilhação. Curvo-me diante do único homem que o podia fazer impunemente. Senhor, fácil me fora desfazer em um instante todo esse indigno enredo em que me envolveram, mas o meu orgulho me cerra os lábios, e não descerei a desculpar-me; ao insulto seguirá em breve o arrependimento; no entanto... vou retirar-me; esta riqueza, porém, que vossa mercê me atirou ao rosto em um tal momento... essa riqueza... oh! senhor, um patriota também prova que o é, levantando-se diante do opróbrio... Oh! vossa mercê definiu perfeitamente o patriota e o homem honrado: deu-me, porém, a definição e não me apresentou o exemplo; pois o exemplo quero eu dar-lho: Ei-lo aqui! *(Rasga os papéis)*

AFONSINA

É o meu Luciano! Eu o reconheço!...

PLÁCIDO

Senhor! Despreza a herança de seu pai?...

LUCIANO

Não desprezo a herança de meu pai; revolto-me contra a afronta de meu tio. Riquezas! Eu as terei; a terra abençoada por Deus, o Brasil, minha bela e portentosa pátria, abre ao homem que trabalha um seio imenso repleto de tesouros inesgotáveis; colherei, pois, esses tesouros por minhas mãos, enriquecerei com o meu trabalho, e ninguém, ninguém jamais terá o direito de humilhar-me!

PRUDÊNCIO

É outro doido! Creio que a loucura é moléstia hereditária nesta família.

LUCIANO

Vossa mercê não será deportado, eu o juro; descanse; mas o seu denunciante, esse... esse miserável que se esconde nas trevas, esse... hei de conhecê-lo e curvâ-lo de joelhos a meus pés, e... adeus, senhor... Afonsina!...

AFONSINA

Luciano!

LEONÍDIA (*dentro*)

Parabéns! Parabéns!

PLÁCIDO

Leonídia...

VELASCO (*à parte*)

Pior está essa!...

CENA XII

Os precedentes, e Leonídia.

LEONÍDIA

Plácido!... (*Abrança-o*) Cheguei tarde, meu amigo, tudo já estava feito: Luciano tinha assinado uma fiança por ti e suspenso a tua deportação...

PLÁCIDO

Luciano?! perdão, meu filho! Perdoa a teu pai!

LUCIANO

Meu pai! O meu coração nunca o acusou...

VELASCO (*à parte*)

Chegou o momento de pôr-me longe daqui... vou sair sorrateiramente...

LEONÍDIA

Pois duvidaste de Luciano? dele, que há dois dias só se ocupa de salvar-te?

PLÁCIDO

Senhor Velasco!... (*Voltando-se*) Devo-lhe o ter feito a meu filho uma grande injustiça; venha defender-me... (*Trá-lo pelo braço*)

VELASCO

Segue-se que fui enganado também... palavra de honra... palavra de honra...

PLÁCIDO

Não jure pela honra... não a tem para jurar por ela...

PRUDÊNCIO

Mas que alma de Judas foi então o denunciante?

LEONÍDIA

Negam-me o seu nome; mas eis aqui uma carta para Luciano.

LUCIANO (*depois de ler*)

O denunciante... Ei-lo! (*Mostrando Velasco*)

PLÁCIDO

Miserável!...

(*Luciano o suspende*)

PRUDÊNCIO

Pois vocês caíram em acreditar naquele ilhéu?...

LUCIANO

Sirva-lhe de castigo a sua vergonha: os bons vingam-se de sobra do homem indigno, quando o expulsam da sua companhia... o denunciante é baixo e vil, e o denunciante falsário um abjeto, a quem não se dirige a palavra, nem se concede a honra de um olhar. (*Sem olhá-lo, aponta para a porta, e Velasco sai confuso e envergonhado*)
Afonsina!

PLÁCIDO

É tua, meu filho... o altar vos espera... não nos demorem... vamos.

LEONÍDIA

Vai, minha filha, vai e sê feliz!

(*Abre-se a porta da sala do fundo; os noivos e a companhia vão para o altar: Leonídia só fica na cena, ajoelha-se e ora*)

CORO

Nas asas brancas o anjo da virtude
Os puros votos leve deste amor,
E aos pés de Deus depositando-os, volte
E aos noivos traga a bênção do Senhor.

AFONSINA e LUCIANO

Minha mãe!...

LEONÍDIA (*abraçando-os*)

Meus filhos!...

PRUDÊNCIO

Agora ao banquete! Ao banquete! Estou no meu elemento!... (*Ouve-se música e gritos de alegria*) Misericórdia!... parece toque de rebate...

LUCIANO

Oh! é a feliz nova que rebenta, sem dúvida! Meu pai! Minha mãe! Afonsina! É a Independência... eu corro... (*Vai-se*)

PLÁCIDO

Os sinais não são de rebate, são de alegria...

LEONÍDIA

E Luciano... se ele se foi expor...

AFONSINA

Não, minha mãe; meu esposo foi cumprir o seu dever.

PRUDÊNCIO

Esta minha sobrinha nasceu para general.

CENA XIII

Os precedentes, e Luciano ornado de flores.

LUCIANO

Salve! salve! o Príncipe imortal, o paladim da liberdade chegou de São Paulo, onde a 7 deste mês, nas margens do Ipiranga, soltou o grito "Independência ou Morte" grito heroico, que será doravante a divisa de todos os Brasileiros... ouvi! ouvi! (*Aclamação dentro*) "Sim! – Independência ou Morte! "

PRUDÊNCIO

Por minha vida! Este grito tem assim alguma coisa que parece fogo... faz ferver o sangue nas veias, e é capaz de fazer de um medroso um herói... O diabo leve o medo!... quando se escuta um destes gritos elétricos, não há, não pode haver Brasileiro, de cujo coração e de cujos lábios não rompa esse mote sagrado... “Independência ou Morte!”

VOZES (*dentro*)

Viva a Independência do Brasil!... Viva! Viva!

CENA XIV

Os precedentes e multidão. Homens ornados de flores e folhas; um traz a bandeira nacional. Entusiasmo e alegria. Vivas à Independência.

LUCIANO (*tomando a Bandeira*)

Eis o estandarte nacional; Viva a nação brasileira!...

AFONSINA

Dá-me essa nobre e generosa bandeira. (*Toma-a*) Meu pai: eis o estandarte da pátria de teus filhos! Abraça-te com ele, e adota por tua pátria a nação brasileira, que vai engrandecer-se aos olhos do mundo!...

PLÁCIDO

Terra de amor, terra de liberdade, terra de futuro e de glória! Brasil querido! Aceita em mim um filho dedicado!...

(Aclamações, vivas e o Hino da Independência)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com